

ENTREVISTA: O OLHAR SOBRE O ACIDENTE DE TRABALHO NA CONCEPÇÃO DE JOÃO AREOSA

INTERVIEW: THE VIEW ON THE WORK ACCIDENT IN JOÃO AREOSA'S CONCEPTION

Entrevistador: João Augusto Tozzi Junior - Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras "Universidade Estadual Paulista" – Unesp, Campus de Assis /SP. Estagiário da Ênfase Subjetividade, Trabalho e Administração Social no Estágio Específico Psicologia e Saúde no Trabalho.

Entrevistado: João Areosa - Sociólogo, Mestre e Doutor em Sociologia do Trabalho e das Organizações pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) - Professor adjunto no Instituto Politécnico de Setúbal e pesquisador no Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

Resumo: Nesta entrevista o Prof João Areosa - Professor adjunto no Instituto Politécnico de Setúbal e pesquisador no Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, comenta sobre sua trajetória profissional no campo da saúde do trabalhador e descreve aspectos importantes na prevenção de acidentes de trabalho.

Palavras – Chave: Saúde do Trabalhador, Riscos Ocupacionais e Acidentes de Trabalho.

Abstract: In this interview, Prof. João Areosa – Professor at Instituto Politécnico de Setúbal and researcher at the Center for Research in Social Sciences at Universidade Nova de Lisboa, comments his professional career on Occupational Health field and describes important aspects in the prevention of work accidents.

Keywords: Occupational Health, Occupational hazards, Work Accidents.

Resumen: En esta entrevista, el Professor João Areosa – Professor en el Instituto Politécnico de Setúbal e investigador del Centro de Investigación en Ciencias Sociales de la Universidade Nova de Lisboa, comenta sobre su carrera profesional en el campo de la Salud Ocupacional y describe aspectos importantes en la prevención de accidentes de trabajo.

Palabras Clave: Salud Ocupacional, Riesgos Laborales, Accidentes de Trabajo.

Entrevista

TOZZI, J. A.: Descreva brevemente a sua formação e atuação profissional.

AREOSA, J.: A minha formação de base é na área das ciências sociais. Na verdade, cursei Sociologia na graduação. Posteriormente fiz uma pós-graduação em Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho. Em Portugal, essa formação permite atuar como técnico superior de Segurança e Saúde no Trabalho, ou seja, é o equivalente ao engenheiro de Segurança do Trabalho no Brasil. Esse profissional pode vir de qualquer área de conhecimento, por isso é que eu posso exercer a atividade. Isso acarreta algumas vantagens, porque as pessoas formadas nas áreas de ciências sociais e humanas podem contribuir para a melhoria das condições de trabalho, para elaboração de políticas de segurança ocupacional, para as análises de riscos e para a investigação de acidentes. É pertinente considerar que muitos dos acidentes e das doenças que ocorrem no mundo do trabalho acabam por estar, direta ou indiretamente, relacionados com interações sociais. Por isso, faz sentido os profissionais formados nas áreas de ciências sociais e humanas poderem contribuir e intervir.

Mais tarde, fiz mestrado e doutorado em Sociologia do Trabalho nas Organizações. Atuei por mais de duas décadas no Serviço de Saúde e Segurança Ocupacional de uma empresa do setor ferroviário, auxiliando os trabalhadores e a empresa na adoção de medidas de segurança e na melhoria das condições de trabalho. Além da minha atuação na empresa,

sou professor adjunto no Instituto Politécnico de Setúbal e pesquisador no Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa. Essa é atualmente a minha função principal. Tenho também algumas publicações no campo da segurança do trabalho, que me auxiliam a lecionar as aulas e decorrem do meu trabalho de pesquisador.

TOZZI, J. A.: Comente as principais razões que o levaram a se envolver com o campo da saúde do trabalhador.

AREOSA, J.: O começo do meu envolvimento na área da saúde do trabalhador ocorreu por mero acaso; esteve relacionado com um redirecionar na carreira profissional, através de uma proposta feita pelas hierarquias de uma empresa. No entanto, rapidamente me apaixonei por essa área, porque ela está muito ligada aos meus valores pessoais e como o meu modo de ver e estar no mundo. Foi um enorme desafio querer compreender toda a dinâmica dos fatores humanos no trabalho e os efeitos que esse mesmo trabalho tem sobre a segurança e saúde dos trabalhadores. No início, encarei esse desafio como um espírito de missão (e atualmente ainda o sinto dessa forma). Hodiernamente é fácil afirmar que na ciência já foram dados alguns passos importantes neste ramo de conhecimento, mas creio que o caminho que ainda falta percorrer será longo e tortuoso. Há muito a melhorar na saúde do trabalhador. Já existem algumas boas-práticas organizacionais e inúmeras pesquisas científicas, mas ainda existem certos aspetos pouco estudados. Por exemplo, a nossa mente é uma “caixa-negra” longe de estar totalmente decifrada; embora, hoje, já saibamos identificar que as heurísticas e enviesamentos têm um papel fundamental na nossa estrutura cognitiva. Aliás, a psicologia cognitiva e as neurociências têm revelado descobertas muito importantes nos últimos anos. Infelizmente, esse conhecimento recente dessas disciplinas raramente tem sido aplicado na área da segurança e saúde no trabalho. Esta é uma das falhas que teremos de colmatar urgentemente. Modestamente, tenho tentado trazer alguns desses contributos para abrir a reflexão na área da saúde do trabalhador. Contudo, dentro das empresas existem imensos obstáculos e resistências.

Muitas organizações ainda revelam uma visão profundamente distorcida da própria condição humana, das suas idiossincrasias, das suas características e especificidades. A organização do trabalho em algumas empresas ainda está concebida de forma a imaginar os trabalhadores como se fossem uma espécie de robots invulneráveis a alterações de

ordem bio-psicossociológicas, tendo em conta que surge constantemente reforçada a “fantasia” de que existe um homem quimérico, um trabalhador irrepreensível que não é suscetível de errar ou de estar momentaneamente desatento, que nunca pode estar cansado e que trabalha sempre com o mesmo ritmo (sem acelerar ou ficar mais lento), que não adoece nem tem alterações de humor, que não tem problemas familiares ou conflitos com os colegas e hierarquias. Lamentavelmente, esse ser humano ideal não existe no mundo real. É bom que tenhamos consciência disso. Num outro contexto, já apelidei esta falácia como: Perspetiva Ilusória do Ser Humano Ideal (PISHI). Os partidários da PISHI tendem a não considerar algumas variabilidades inerentes ao próprio trabalhador, nem fatores, interações e influências resultantes do próprio processo de trabalho, tais como: a sobrecarga de trabalho, a elevada exigência de algumas tarefas, a personalidade do trabalhador, a relação com colegas, a permanente interferência de técnicas, tecnologias e fatores ambientais ou ainda a descoincidência entre trabalho prescrito e trabalho real. Nesta visão, parece que os perigos e os riscos dos locais de trabalho e das organizações são elementos neutros, com características insuscetíveis de influenciar a atividade e o comportamento humano. Mas não são!

Para além disso, quando um sistema de gestão da segurança está assente exclusivamente (ou perto disso) no fator humano, esse sistema é, naturalmente, mais frágil. Porém, há algo paradoxal nesta situação: o fator humano que pode fragilizar o sistema é o mesmo que na maioria das vezes lhe permite ter sucesso. Para tentar ilustrar a ideia anterior (pelo menos de forma aproximada) vou recorrer a uma analogia que “abre” o penúltimo livro de Nassim Taleb: “O vento apaga uma vela e dá força ao fogo”! Os fatores humanos nas organizações apresentam algumas semelhanças: tanto podem fazer “o melhor”, como “o pior”, ou seja, tanto podem dar força a uma organização, como podem “apagá-la”. Entre outros aspetos, isso depende da forma como as organizações estabelecem sua relação com os trabalhadores e que condições lhes oferecem para exercer sua atividade. Creio que compreender e desvendar toda a trama entre o mundo organizacional e a saúde do trabalhador foi o grande motivo que me levou a permanecer, em termos profissionais, no campo da saúde do trabalhador.

TOZZI, J. A.: Quais os principais impactos de um acidente de trabalho grave na vida de um trabalhador?

AREOSA, J.: O impacto de um acidente de trabalho grave na vida de um trabalhador pode ser muito diversificado, dependendo de situação para situação. Contudo, normalmente, ocorrem em simultâneo, impactos físicos, psíquicos e sociais. Regra geral, há uma redução da qualidade de vida para estes trabalhadores acidentados. Por vezes, as próprias famílias também são profundamente afetadas. Por exemplo, o resultado de um determinado acidente pode traduzir-se na redução nos vencimentos, obrigando a família a baixar, repentinamente, o nível de vida, a proceder a cortes no orçamento e a privar-se de coisas que até então eram usuais, podendo ferir profundamente a estabilidade do agregado familiar. Ainda no seio familiar existem relatos de situações em que os membros sofrem a angústia da incerteza quanto ao futuro, principalmente nos casos em que o acidentado é o sustento da família e, obviamente há o risco de invalidez permanente ou até de morte do trabalhador sinistrado. Nas organizações também há perdas potenciais, nomeadamente porque se podem ver obrigadas a colocar o trabalhador acidentado a desempenhar outras funções dentro da organização. Em micro-empresas isso pode ser uma situação complicada.

Paralelamente, é pertinente referir que o impacto real dos acidentes relacionados com a atividade laboral sobre os trabalhadores e suas famílias vai muito além dos dias perdidos, despesas com saúde, pensões, reabilitação e reintegração. Não podemos esquecer que esses eventos levantam questões éticas e morais nas sociedades contemporâneas, que necessita de uma nova abordagem focalizada na prevenção e na compreensão das inúmeras causas e circunstâncias que conduzem aos acidentes de trabalho.

É importante lembrar que os acidentes de trabalho graves deixam marcas de violência (inerentes ao próprio episódio) e estas não só atingem os corpos dos trabalhadores, mas também a identidade, a autoestima, a confiança e a própria percepção de segurança acerca do futuro. É igualmente importante considerar que um longo período de recuperação de um acidente de trabalho grave pode tornar-se desgastante, podendo ocasionar distúrbios psicológicos na vítima. Alguns estudos revelam que determinados trabalhadores sinistrados atribuem a culpa do acidente a si próprios, outros entregam-se à dor e ao sofrimento

e há ainda outros que promovem o isolamento dos amigos, familiares e colegas.

As pesquisas também apontam que em certos casos foram reportados flashbacks, pesadelos, medo da morte ou de reincidência da lesão e que essas sensações continuaram a estar bastante presente após a lesão, mesmo passados vários meses ou até anos. Uma aluna de doutorado (Luciana Lucena) confirmou isso mesmo em entrevistas que realizou para a sua pesquisa com trabalhadores acidentados. As reações emocionais, incluindo a depressão, irritabilidade, repulsa, hostilidade, preocupações estéticas e autoaceitação, eram frequentes e apresentavam uma dificuldade na adaptação psicológica. Há inclusive uma outra pesquisa que sustenta que os trabalhadores que sofreram amputações nos membros superiores são mais vulneráveis a passarem por perturbações emocionais, síndrome de estresse pós-traumático e depressão do que os trabalhadores com amputações nos membros inferiores. Como se pode verificar, essa tipologia específica de acidentes são um problema social grave a nível global e se constituem como uma questão de saúde pública.

TOZZI, J. A.: Conte-nos um pouco, na sua visão, qual a importância do relato dos trabalhadores sobre seu cotidiano laboral para a prevenção de acidentes de trabalho?

AREOSA, J.: O relato dos trabalhadores é fundamental, porque representa a forma como eles veem e atuam sobre o universo laboral. É verdade que os riscos que as pessoas sentem e imaginam que estão expostas não decorrem, obrigatoriamente, de perigos reais. Ou seja, há vieses nas apreciações sobre os perigos e riscos. Aqui entramos no campo das percepções. Por vezes, as percepções de riscos dos trabalhadores se traduzem num viés potencial, nem sempre representam de forma fidedigna a realidade. Como esse entendimento nem sempre é igual à realidade, é bom conhecer as apreciações dos trabalhadores porque eles agem e atuam de acordo com as suas próprias percepções. Seus comportamentos e suas atitudes dependem das suas apreciações de risco, e nós temos que perceber quais são suas percepções para tentarmos captar os vieses que eles expressam.

Paralelamente, as apreciações dos trabalhadores às vezes podem ser muito assertivas, correspondendo à realidade dos riscos. É por isso que o estudo de como é que eles vivenciam os riscos no local de trabalho,

como é que eles desempenham as suas funções vai ajudar os prevencionistas a perceberem melhor o contexto do trabalho. Há inúmeros riscos que são identificados exatamente porque o trabalhador informou o especialista em segurança que o risco existia. O conhecimento dos especialistas em segurança e o conhecimento dos trabalhadores devem estar interligados e integrados. Deve haver uma aglutinação dos saberes de um e de outro. O resultado final vai ser bem mais assertivo e melhor do que se só tivéssemos usado o conhecimento do especialista. Porque o conhecimento do especialista também tem limitações, ele não sabe tudo. Principalmente quando ele não está muito presente no chão de fábrica, há muitas coisas que ele não percebe. Se eu conversar com os trabalhadores, perceber como é que eles veem suas atividades, quais são os riscos que eles conseguem discernir, essa visão representará melhor a realidade. É verdade que nem sempre os trabalhadores se expressam da melhor forma, por vezes não conseguem identificar os riscos de uma forma muito assertiva. Mas se nós, prevencionistas, tentarmos interpretar o que eles estão querendo dizer, fica mais fácil entender a visão deles e integrar essa visão no sistema de gestão de segurança. O gerenciamento da segurança deve ser realizado a partir dos especialistas, utilizando também o conhecimento dos trabalhadores, e assim será aperfeiçoado. É esse conhecimento prático dos trabalhadores que permite melhorar a prevenção de acidentes de trabalho.

TOZZI, J. A.: Qual a relevância da organização do trabalho para o surgimento de acidentes?

AREOSA, J. : O conceito de “organização do trabalho” ganhou visibilidade a partir do momento em que Frederic Taylor debateu a designada organização científica do trabalho, no sentido de tornar mais eficiente o trabalho dos operários. A organização do trabalho deve ter em conta a natureza e a divisão das tarefas, normas, mecanismos de controle e ritmos de trabalho. Trata dos instrumentos, dos protocolos, do número de pessoas para realizar o trabalho, da velocidade de execução, do tempo atribuído à deliberação com os colegas, etc. Na verdade, é com a organização científica do trabalho que se concretizam a intensificação do trabalho e a submissão do trabalhador ao capital. O grande capital visa sempre obter mais lucro, a qualquer custo.

Antes da implementação do modelo taylorista a organização do trabalho garantia aos trabalhadores o controle dos processos de trabalho,

ritmos e intensidade do trabalho; mas o taylorismo veio dominar física, psíquica e socialmente o trabalhador. As patologias da sobrecarga aumentaram de forma desproporcionada. O resultado dessa sobrecarga de trabalho transformou-se, entre muitas outras situações, na perpetuação de níveis elevados de acidentes de trabalho e em múltiplos danos à saúde, os quais acabam por desestruturar a integridade física e mental dos trabalhadores. A atual organização do trabalho, ao mesmo tempo que coloca a saúde do trabalhador em xeque, pode dar oportunidade para o sofrimento psíquico se manifestar (sabemos hoje que o sofrimento pode estar na gênese do adoecimento dos trabalhadores).

Mas afinal por que é que o capitalismo pode ser determinante para o aumento dos acidentes e de alguns tipos específicos de patologias? A principal razão para isso (embora longe de ser a única) é porque dentro desta teia de interesses econômicos somos “obrigados” a trabalhar mais e em condições que poderiam ser bem melhores, caso não houvesse a incessante procura do lucro e da respetiva concentração de capital, o que acaba por condicionar a melhoria das condições de trabalho. Infelizmente, não se verifica a melhoria das condições de trabalho, dado que os recursos produzidos pelo trabalho são canalizados para determinados grupos poderosos. Creio que esses aspetos - inumerados anteriormente - são uma forma de estabelecer a ligação entre a organização do trabalho e a ocorrência de acidentes de trabalho.

No entanto, há ainda outros fatores na relação entre capitalismo e acidentes de trabalho: o avanço de políticas neoliberais implementadas por alguns Estados tem vindo a dar origem ao seu enfraquecimento (inclusive ao nível da vigilância das condições de trabalho), multiplicando determinadas ambiguidades, nas quais podemos incluir, por exemplo, a transferência das questões relacionadas com a segurança no trabalho para o “controle interno” das próprias empresas. Esse fato pode dar origem a algumas peculiaridades; apesar da suposta autonomia dos engenheiros de segurança, verifica-se que o seu trabalho dentro das organizações, em alguns casos, tende a ser fortemente secundarizado, ou mesmo “sabotado” por questões de ordem económica ou produtiva (novamente aqui entra a questão do lucro). Para além disso, esses profissionais encontram-se quase sempre dependentes do controle hierárquico da organização (o que por si só pode ser visto como um forte constrangimento à sua alegada autonomia). Não são despicientes as

situações em que as atividades dos engenheiros e técnicos de segurança são ignoradas ou desrespeitadas. Esse é, sem dúvida, um problema muito sério e que está articulado com os acidentes de trabalho.

TOZZI, J. A.: Qual a importância da investigação dos acidentes de trabalho?

AREOSA, J.: Investigar os acidentes de trabalho é fundamental na atividade de Segurança Ocupacional, porque, quando investigamos um acidente, vamos conhecer e perceber o que correu mal. Por exemplo, a análise de riscos consiste em projetar cenários negativos para o futuro, idealizar o que pode não dar certo, ou seja, olhar para a frente (em termos temporais/cronológicos). Já quando fazemos a investigação do acidente, é exatamente o contrário. O evento já ocorreu, então investigar acidentes é como se estivéssemos a olhar para o retrovisor do nosso automóvel e ver o que está lá atrás (em termos cronológicos é olhar para o passado). O problema é que, muitas vezes, a investigação de acidentes é como um labirinto cujo percurso correto é muito difícil de encontrar. Vamos num sentido, depois vemos que aquele trajeto que estávamos fazendo não tem saída, então temos que voltar atrás, tentar outro caminho. Por vezes, os acidentes são eventos muito complexos, temos que tentar percorrer vários caminhos até chegar àquele que nos parece mais assertivo. Mas a investigação é útil, exatamente porque ela nos permite compreender o que não deu certo, o que deu origem àquele desfecho que foi o acidente. Se conhecermos o que deu errado, podemos tentar implementar medidas preventivas para que não ocorra novamente aquela situação. A investigação de acidentes serve essencialmente para evitar a recorrência de acidentes similares. Nem sempre isso é possível, a investigação de acidentes tem limitações, seja quanto ao método utilizado, equipe de pesquisa que fará a investigação, tipologia do acidente, etc. Ela não é perfeita, mas sua função primordial é conhecer os riscos que deram origem àquele acidente. Se conseguimos compreender sua origem, vamos tentar evitar que ele ocorra novamente criando medidas preventivas.

TOZZI, J. A.: Quais são os limites encontrados na prevenção de acidentes de trabalho?

AREOSA, J.: Reitero que os riscos ocupacionais são “entidades” onipresentes, logo, os obstáculos para a prevenção são imensos (alguns

difíceis de identificar ou perceber). Porém, a prevenção é muito útil, mas, infelizmente, não há soluções universais, isto é, que funcionem em todos os tempos, locais e circunstâncias. A título ilustrativo, um modelo que pode funcionar, na “perfeição”, numa determinada empresa pode revelar-se um verdadeiro “desastre” em outra empresa. É politicamente correto afirmar que a prevenção pode ser sempre uma solução viável para combater os riscos, os acidentes e as doenças, mas a prevenção – além de todas as suas potencialidades – tem também diversas limitações. Por exemplo, a prevenção quando tem sucesso tende a tornar-se invisível. Aquilo que se consegue evitar nem sempre é algo que se consiga imaginar facilmente. No livro “O lado obscuro dos acidentes de trabalho” publicado há dez anos, apresentei várias situações em que a prevenção é extremamente eficaz, mas, paradoxalmente, também revelei outras em que ela é mera ilusão. É importante sublinhar que nós (seres humanos) tendemos a valorizar muito mais aquilo que é feito por nós do que aquilo que é evitado por nós (um não acontecimento tende a ser ignorado ou rapidamente esquecido e desvalorizado). Isto significa que a prevenção quando tem sucesso tende a não ser valorizada. Nesse contexto a prevenção padece do seguinte “estigma”: somos parcialmente cegos aos acontecimentos que poderiam ter ocorrido, mas que – por alguém ter tido sucesso na sua prevenção – foram evitados. Por outro lado, nossas crenças também nos levam a acreditar em cenários em que a prevenção teve sucesso, embora isso, por vezes, seja mera ilusão. Apesar de todas as suas limitações, a prevenção é útil num grande número de situações. Como sinal de esperança refiro que um melhor e mais profundo conhecimento sobre os fatores humanos no trabalho será uma solução adequada para resolver uma parte dos problemas no campo da saúde do trabalhador e dos acidentes de trabalho. Essa é uma área de estudo em grande desenvolvimento.

Contudo, pretendo agora colocar a tônica em algumas formas de prevenção de acidentes. Um caminho para prevenir e reduzir os acidentes de trabalho é fazer uma boa análise de riscos. Isso serve, essencialmente, para identificar as situações que podem causar lesões aos trabalhadores. E nesse processo de análise de riscos, devemos buscar também o conhecimento dos trabalhadores. Existe o conhecimento técnico, mais especializado, mas devemos buscar o conhecimento dos trabalhadores. É através da articulação desse conhecimento mais especializado com o conhecimento mais comum dos trabalhadores que se podem desenhar as

estratégias de prevenção dos acidentes. Claro que a investigação de acidentes é imprescindível, e ela nos serve exatamente para mostrar quais foram os riscos que estiveram na base da ocorrência de um determinado acidente. Na verdade, só ocorrem acidentes de trabalho porque há riscos que se materializaram e deram origem àquelas situações. Há aqui uma dialética entre compreender o risco, identificar o risco, analisar o risco, gerir o risco e a investigação de acidentes, que identifica também muitos riscos que, às vezes, para os especialistas, não estavam claros. Então, a análise de risco é uma atividade complexa que integra vários saberes, exige muita observação dos locais de trabalho e implica muito diálogo com os trabalhadores. Estar lá, ver como é que eles fazem as coisas, que dificuldades têm ao desempenhar sua função. O papel do prevencionista é estar junto aos trabalhadores e perceber como é que eles executam seu trabalho e, a partir daí, tentar melhorar suas condições e a forma como o trabalho é executado. Toda a boa estratégia de prevenção vai nesse sentido, isto é, tem esse manancial de conhecimentos que é preciso ir aplicando e aprimorando, porque os riscos não são coisas fixas, as empresas não têm os mesmos riscos o tempo todo. Os riscos são dinâmicos, ou seja, há os que aparecem e outros que desaparecem. Quando controlamos, minimizamos ou até eliminamos um risco, podemos estar criando outros. Então, a análise de riscos e a investigação de acidentes são um trabalho que não tem fim. Sendo o mundo dinâmico, há sempre alterações, há sempre uma máquina que se vai degradando e então deixa de se comportar da mesma forma como se comportava há alguns anos. Há sempre a necessidade de ir reavaliando as coisas. É um trabalho constante, exatamente porque o mundo é dinâmico, as relações de trabalho são dinâmicas. É preciso ir sempre olhando para elas, porque vão sofrendo alterações ao longo do tempo.

TOZZI, J. A.: Com base na sua experiência profissional, você acredita ser possível suprimir todos os acidentes de trabalho em uma instituição?

AREOSA, J.: Não digo que isso seja impossível, mas digo que é improvável. Precisamos olhar os acidentes com muita objetividade, compreendendo também suas subjetividades. A prevenção de acidentes de trabalho é uma matéria muito útil, porque ajuda a evitar perdas. Portanto, criar uma boa estratégia de prevenção é fundamental, é bom, reduz o número de acidentes. Agora, não podemos criar a ilusão de que a

prevenção resolve todos os problemas. A maioria dos prevencionistas não aceita essa ideia de uma forma muito aberta, exatamente porque eles acham que todos os acidentes podem ser evitados a partir da prevenção. Teoricamente sim; mas na prática, no mundo real do trabalho, isso não é possível. Então, quais são as boas e as más notícias? A boa é que, quanto mais e melhor prevenção de acidentes nós fizermos, tanto menos acidentes vamos ter. As más notícias são: existem os riscos, que são entidades onipresentes no mundo do trabalho. Nunca conseguiremos conhecer todos eles, sempre vão existir, independentemente da profissão ou da atividade exercida. E se há riscos, há sempre a possibilidade de acontecer algo ruim, nomeadamente o acidente. A prevenção nunca pode ser cem por cento eficaz exatamente por causa disto, porque os riscos estão sempre lá. Eliminamos um e podemos estar criando outro, ou eliminamos um e há ainda outro que não tínhamos visto. Por isso, tivemos acidentes no passado, continuamos a ter acidentes no presente e, infelizmente, vamos continuar a tê-los no futuro. O bom disso é que quanto mais e melhor prevenção fizermos, menos acidentes vamos ter.

Resumidamente, acredito que é possível suprimir os acidentes em determinadas situações, mas é relevante não esquecer que isso não se deve apenas a um trabalho árduo da equipe de segurança do trabalho. Naturalmente que o trabalho da equipe de prevenção é importante, mas também existe alguma sorte, alguma aleatoriedade por trás dessa conjuntura. Isso porque os riscos ocupacionais são onipresentes, mesmo que residuais, logo podem se transformar em acidentes em qualquer momento.

Entrevista apresentada em: 31/08/2022

Aprovada em: 06/09/2022

Versão final apresentada em: 16/ 09/2022